

## SUGESTÃO

*Ana Karine de Sousa Dantas* é mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará – UFCE.  
E-mail: anakarine\_sousa@hotmail.com

Anda, menino, vá buscar aquele relógio, coisinha dourada e saltitante, herança do seu avô, aquele mesmo que morreu afogado com um copo de rum, do jeito que você, entre uma sessão e outra, sem querer me confessou. Meus joelhos estão ralados, pintados de sangue, você viu? Há de ter visto as gotículas, tão brilhantes! É que eu corri para cá, o desespero com uns dedos grosseiros, nojentos, agarrados na barra do meu vestido, puxavam-me os cabelos, seguiram-me até aqui e calharam de acariciar a porta lá fora, você viu? Seu divã é um refúgio, doutor, hoje mesmo eu li alguma coisa sobre os árabes e as metáforas, lá no ônibus, e me lembrei das suas roupas e do seu escritório, antes de descer, tudo tão branquinho, que nem umas nuvenzinhas. Foi pequena, a queda, levantei-me depressa, sem olhar para trás, as mãos sujas de pó e algumas risadas dentro dos ouvidos, então eu acho que é quando veio o medo, e é com ele que eu respiro até que você me acalme, faça um carinho nos meus cabelos, arrumando-os assim de lado, sempre pedindo calma, “calma, calma”, e então você me diz que nós já vamos começar, “mas vamos antes limpar esses joelhos”, você diz. E então eu fico descalça, porque ambos sabemos que a coisa não funciona se tenho os meus pés presos nalgum canto, detesto calçados!, e estamos os dois ansiosos e com medo, você e eu, porque nunca sabemos o que há de acontecer. E no meio da minha ansiedade, doutor, eu decido que eu poderia ficar olhando os seus olhos para sempre, um horizonte tão líquido e cristalino, coisa de céu aconchegante, lembra quando nos vimos pela primeira vez? Quando você me salvou pela primeira vez? As pessoas deixavam a sala, mas eu permanecia lá, perturbada e medrosa, com o olhar atormentado e cada nervo do meu corpo em pânico, incapazes de deixar aquele assento. Você também ia embora, como todo mundo, mas por alguma razão que eu gosto de julgar misteriosa e bonita, qualquer sensação de magnetismo, você tornou a virar a cabeça num segundo olhar, depois de um primeiro muito sem importância. “Você está bem?”, oh, não, fico envergonhada quando me lembro, porque acho que fui facilmente transformada em qualquer coisa aquosa e salgada, não foi assim? Sim, sim, parece que comecei a nadar dentro de mim, virei mar, lutando contra o medo do escuro e do afogamento, coisa muito social, eu, você e outrem ali nos corredores, o nome daquele filme? Lewis, Binoche, a leveza do ser, o insustentável? Pois sim, sensação de catarse, não é, quando a gente é alcançado, envenenado, com tantos remédios, quem deixaria esta garota ir ao cinema por causa de um impulso solitário de participar da vida dos outros, de senti-los nela mesma, de viver uma troca, qualquer coisa? Qualquer coisa!, eu implorava. Ah, você não teve certeza, não é? Hesitou, não se atreveu a tocá-las, limpá-las do meu rosto, então você buscou o meu braço, não a minha mão, e nós estivemos caminhando sobre pedrinhas de brilhantes, como na canção, porque meu olhar era turbulento e líquido, e então ele deu lugar a dois incrédulos, e então desconfiados, e então encantados pontos luminosos, porque a nossa proximidade estava coberta de um enternecimento, é assim mesmo que a gente diz? Enternecimento esquisito, mas bonito; quando eu digo que brilhava sob os

Revista Escrita

Rua Marquês de São Vicente, 225 Gávea/RJ CEP 22451-900 Brasil

Ano 2015. Número 20. ISSN 1679-6888.

[escrita@puc-rio.br](mailto:escrita@puc-rio.br)

nossos pés, doutor, que importa se eram pedras preciosas ou se era luz invadindo as lágrimas remanescentes? Importa que você esteve lá, não é? E foi assim que você me salvou pela primeira vez. E quando eu tenho medo, muito medo, é para cá que eu corro, para você, que é doutor, porque meus olhos são fechados e descobertos os meus segredos aborrecidos, cortantes ou assustadores, os remédios, o raciocínio vagaroso, o meu tio-avô escorregando para debaixo dos meus lençóis, sua mão peluda cobrindo minha boca pequena e rosada, de menina, os gritos da mamãe, as culpas da mamãe, os remédios da mamãe, os meus remédios também, até que eu sentisse a repulsa e o pânico imensuráveis e sufocantes que me empurraram gentilmente até a extremidade da plataforma, “aí vem o trem”, disse uma senhora ao meu lado, “finalmente”, dissemos as duas, mas não me deixaram morrer naquele dia, “minha filha, minha filhinha, acuda aqui, moço!”, e depois resolveram me receitar mais alguma coisa. Se eu tenho um sonho? Eu tenho um sonho. Não há remédios, nem o fedor das pessoas, só você e eu, mais o meu gato laranja, você usando aquela camisa clara de botões, a correntinha dourada no seu pescoço, eu nunca lembro o nome dessa santa que você carrega consigo, e eu naquele vestido que vi outro dia, sim!, tão bonito, o vestido, naquela loja proibida pra desequilibrada de classe ignorada, eu, com meus cabelos cheios e escuros e a minha pele fantasmagórica. Eu sempre quis dizer isso a você, são quase dois anos, não são? Mas eu nunca sei, nunca sei o que estou fazendo aqui, que eu te amo, era o que eu diria, se eu soubesse como fazê-lo, que eu te amo, amo, amo, e que eu amo as tuas mãos morenas, e também o relógio do seu avô, e essas roupas clarinhas que te vestem, nunca antes senti essa curiosidade. Será uma curiosidade? Eu faria meus desenhos e você diria: “oh, mas temos de organizar uma exposição”, porque são incríveis, você diria, doutor, depois de me beijar um pouco, melhor muito, você se zangaria se soubesse que coleí o seu rosto por toda parte no meu quarto? Eu sei, eu sei, sou muito jovem, mas você também o é, um tesouro encontrado, enquanto eu sou um experimento, iniciação perfeita e violenta, coisa grande pra quem só tinha começado a consultar, mas eu não ligo, ligo nada, desde que você não me deixe, o que eu faria? Hum? O que eu faria? (Hiato) “Hora de acordar, Ana Clara. Acorde, sim? Não, não diga nada, só acene. Está tudo bem? Sim? Muito bom. Sente-se melhor? É? Oh, não, nada demais. Você mencionou que desenhava. Então você desenha? Vamos conversar sobre isso”.